



Um diálogo entre as obras *Pedro páramo* de Juan Rulfo e *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa

A dialog between the works *Pedro páramo* of Juan Rulfo and *Grande sertão: veredas* of Guimarães Rosa

Suellen Cordovil da Silva¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo encontrar pontos de convergências quanto à transculturação na narrativa entre os dois romances os quais são: *Pedro páramo* (1958) escrito por Juan Rulfo (1917- 1986) no México e *Grande sertão: veredas* (1956) por João Guimarães Rosa (1908-1967) no Brasil. Este artigo tem base nos estudos dos dois teóricos: Fernando Ortiz qual foi etnólogo e cubano, e, com o segundo teórico ampliando o conceito de transculturação para a narrativa Ángel Rama que foi um crítico uruguaio.

Palavras-chave: *Pedro Páramo. Grande Sertão: Veredas.* A transculturação na narrativa na América – Latina.

Abstract: This article aims to find points of convergence about the narrative transculturation between the two novels which are *Pedro Páramo* (1958) written by Juan Rulfo (1917- 1986) in Mexico and *Grande Sertão: Veredas* (1956) by João Guimarães Rosa (1908-1967) in Brazil. This article is based on theoretical studies by two theories which was by an ethnologist Cuban Fernando Ortiz, and with the second theoretical Uruguayan Ángel Rama was a critic and scholar of the narrative transculturation.

Key-words: *Pedro Páramo. Grande Sertão: Veredas.* The narrative transculturation in Latin American.

“A gente morre é para provar que viveu”

Guimarães Rosa

Conceito de transculturação

A transculturação da América Latina surgiu em 1940, pelo cubano Fernando Ortiz que foi etnólogo e antropólogo. A transculturação é uma espécie de síntese, de uma “desculturação” ou “exculturação”, e, de “aculturação” ou “inculturação”. Ortiz cita que Cuba foi um exemplo de confluências das diferentes culturas e espaços que geraram a mestiçagem racial e cultural. Ele postula que o conceito de transculturação se adequaria melhor ao processo transitivo de uma cultura a outra, em vez do conceito de aculturação.

Ela está na base do desenvolvimento histórico e cultural latino-americano, no que tange os processos de contatos entre culturas distintas diante de uma suposta colônia e de uma metrópole. No seu livro *Contrapunto Cubano del tabaco y El azúcar* (1987) Ortiz ressalta a importância de forma metafórica que o tabaco, açúcar e o álcool (Trindade Cubana) contribuíram para a formação de um “outro ser cubano”, ou seja, um país transculturado. Dessa forma, a transculturação está numa ligação direta com os estudos

¹ Professora assistente de literatura inglesa na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

literários e comparatistas os quais se envolvem com a formação histórica e cultural da América Latina.

A abordagem comparatista é fascinante por buscar de forma singular seu objeto de estudo que é o texto literário. A literatura comparada para Remak (1994) não tem fronteiras ou limites de disciplinas, em seu texto *Literatura Comparada: Definição e Função*, afirma que:

é o estudo da literatura além das fronteiras de um país específicos e o estudo das relações entre, por um lado, a literatura, e, por outro, diferentes áreas do conhecimento e da crença, tais como as artes (por exemplo, a pintura, a escultura, a arquitetura, a música), a filosofia, a história, as ciências sociais (por exemplo, a política, a economia, a sociologia), as ciências, a religião, etc. Em suma, é a comparação de uma literatura com outra ou outras e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana (REMAK, 1994, p. 175).

Dessa forma, a literatura comparada procura não somente estabelecer um diálogo entre textos, mas observar e relacionar com uma força de um “signo ativado”. Então, ao comparar uma obra com outra precisa-se definir seu foco e objeto de estudo, e, como mencionado por Wellek (1994), a literatura comparada:

é idêntica ao estudo de literatura independente de fronteiras lingüísticas, étnicas e políticas. Não pode limitar-se a um único método: em seu discurso, descrição, caracterização, interpretação, narração, explanação, avaliação usam-se tanto quanto comparação (WELLEK, 1994, p. 132).

Com tudo, neste artigo compreende-se a importância da Literatura Comparada, pois toda uma teorização sobre obras literárias necessita-se de uma atividade comparatista, mesmo sendo numa linha intertextual implícita, e, como afirma Coutinho (2006) “todo estudo comparatista sério conflui para uma reflexão de ordem teórica e crítica; caso contrário, corre o risco de ater-se a mero descritivismo” (COUTINHO, 2006, p. 51). Por isso, propõe-se investigar a relação intertextual de Pedro Páramo e Grande Sertão: Veredas se valendo das contribuições do estudioso sobre a transculturação, Fernando

Ortiz, na sequência apresenta - se as relevantes ligações da transculturação e narrativa realizadas por Ángel Rama, e por fim a sua interseção pela atividade comparatista com as obras.

Transculturação na Narrativa da América Latina

O literário uruguaio Ángel Rama trata de várias reflexões teórico críticas quanto a transculturação na narrativa em seu livro *Transculturación narrativa en la América Latina* (1982). Para Rama o impacto modernizador provoca, nas mais diversas narrativas, três tipos de respostas ou situações. A primeira seria momento de defesa da cultura materna, considerado com um retrocesso defensivo, de subversão na proteção da cultura materna.

O segundo trata de uma análise crítica de valores culturais na proporção que a defesa não resolve nenhum problema, e de separação de alguns personagens, a força que se diferencia e/ou a viabilidade dos mesmos nessa nova cultura, ou seja, formado por um exame crítico de seus valores, na medida em que o retrocesso não soluciona nenhum problema, e de seleção de alguns dos seus componentes, a força que distingue, ou viabilidade dos mundos nesse novo tempo. Num terceiro momento, a agregação do impacto modernizador pelos aspectos regionais. Com isso, observa-se a auto-análise e a seleção dos elementos reconhecidos, redescobrimo características desconhecidas de formas sistemáticas. Características adicionais aos modelos expressivos numa perspectiva modernizadora.

Para que uma narrativa seja “transculturada”, Rama propõe três operações que seriam: na língua, na estrutura literária e na cosmovisão. Quanto á língua tem-se algumas características literárias que reforçam toda uma estrutura social, o que deixa as marcas que denunciam as características formais dos escritores na sociedade. Adota-se, assim, a fala popular ao utilizar as palavras regionais minimizando a distância entre a língua do narrador –escritor e de suas personagens.

Os níveis da estruturação literária são reconstruídos, por um antigo gênero com o monólogo discursivo, e o que se tornou dificultoso relacionar estilisticamente o plano verossímil e histórico dos acontecimentos com o maravilhoso ao utilizar fontes orais da narração e para a cosmovisão.

A cosmovisão trata-se de um novo fazer literário, ou seja, uma “nova visão do mito” com o corpus cultural trazer os significados da obra literária. Então, procura-se conhecer a América - Latina pelas formas criativas escritas nas narrativas. Como foi exposto pela proposta modernista de que a transculturação na narrativa houve um processo de mestiçagem cultural durante um longo período. Portanto, Rama trouxe contribuições para

a literatura ao pesquisar e dialogar sobre a diversidade cultural e literária da América-Latina.

Rama em seus estudos quanto á transculturação na narrativa cita alguns escritores que melhor representam a América Latina, como, por exemplo: o brasileiro mineiro João Guimarães Rosa, o peruano José Maria Arguedas, o colombiano Gabriel Garcia Marques e o mexicano Juan Rulfo. Neste artigo se estuda dois destes autores os quais são João Guimarães Rosa e Juan Rulfo.

Juan Rulfo: Um gigante silencioso

O autor Carlos Juan Nepomuceno Pérez Rulfo Vizcaíno do romance Pedro Páramo foi um gigante silencioso, pois publicou este único romance e os contos de Chão em chamas. O tradutor crítico da obra para a língua portuguesa em seu prefácio, Eric Nepomuceno, afirma que Juan “Foi dono de técnicas de escrita especialmente audazes e modernas em seu tempo, e com elas tornou universal uma realidade local. Escreveu e revelou o mundo de seus fantasmas e esperanças, e assim, nos revelou o mundo de todos nós.” (RULFO, 2009, p. 12). Dessa forma, em sua tradução para o português Eric traz este seu dever de ecoar a transculturação na narrativa. Vale destacar a relevância da tradução literária que são mediadores interculturais.

João Guimarães Rosa

Diferentemente de Juan Rulfo, João Guimarães Rosa publicou várias obras entre elas está Grande sertão: veredas. Um romance considerado como uma “travessia” de Riobaldo devido um amor maravilhoso e terrível por Diadorim. O autor entra para o cânone internacional com o boom da Literatura Latino–Americano pós-1950. Guimarães Rosa apresenta o quão importante é ter a linguagem a serviço da temática, e, assim uma contribuindo com a outra. Nesse ponto, o autor cria uma transcultação na narrativa, neste romance, pois se trata de regionalismo brasileiro que estaria ao centro da ficção brasileira.

De Comala para o Sertão

Os dois autores, Rulfo e Rosa, apresentaram narradores transformadores os quais acentuam com a dispersão e criam um significado problemático. Por exemplo, “Viver é muito perigoso” (ROSA, 1956, p. 18) e “Contar é muito, muito difícil.” (ROSA, 1956, p. 183) dito em Grande sertão: veredas. Até mesmo, em Comala uma cidade fantasmática em Pedro Páramo que não fixa em mitologias grego-latinas, e, sim está mais além, em

busca de um regional e passado cultural desconhecido em ressonância com o presente cultural. Pode-se encontrar aproximações quanto a operações literárias e atividades em comum, com originalidade diante da história modernizada. Em Pedro Páramo (pai morto) que tinha suas terras e propriedades, retomando ainda como fantasma na obra, retratando implicitamente a memória histórica do povo mexicano.

Os dois autores fizeram parte dos gêneros de romance ligados ao regionalismo. Reconhece-se que não há um desligamento com a tradição dos autores, como no trecho de Literatura e Cultura na América Latina de Ángel Rama:

Isso é observado claramente nos escritos da transculturação: João Guimarães Rosa não se desarraiga de sua Minas Gerais, como também García Márquez, da área costeira colombiana ou Juan Rulfo, de Jalisco. O que não dizer que eles se ajustem ao estereótipo que se criou sobre suas regiões natais, o que valeria como uma negação do caráter produtivo e inventivo de suas criações artísticas que, como já afirmamos, postula um resgate de formas às vezes negligenciadas que pertencem à configuração cultural da região, as quais eles reelaboram nas circunstâncias derivadas do conflito modernizador (RAMA, 2001, p. 316).

Em se tratando da estruturação literária demonstram com o regionalismo uma recuperação das estruturas da narração oral e popular, seja pelas vozes sussurrantes em Pedro Páramo ou pelo monólogo discursivo em Grande sertão: veredas. Com tudo, verifica-se demonstrar de forma dialética entre extremos literários e culturais, universais e locais, com suas novas formas literárias num argumento de transgredir os originais importados, notando, assim, que a complexidade cultural e literária da América Latina, criou uma transculturação na narrativa como uma tradução cultural. Na utilização de marcas da língua regional, numa estruturação literária consistente e uma cosmovisão conotada para “além do mito”.

Os escritores são mediadores na transculturação na narrativa, pois por meio de seus personagens formam como em Riobaldo, numa conversação com uma alteridade - Outro, uma ambiguidade, entre seus duais comportamentos e mudanças locais enquanto Juan Preciado, em primeira pessoa, conta a sua visita a Comala, cidade em que seu pai Pedro Páramo foi lembrado na “sepultura histórica” surgindo com a ressonância histórica. Assim como afirma Seo (2001) “Um coro de vocês individualizadas pero que se unen em

um concierto de ideas que responden a la cultura própria” (SEO, 2001, p. 8), como, por exemplo, no presente de Juan Preciado, de forma fantasmática de um narrador impessoal, para contar a vida do pai. O que Rama chama de “bipolaridade” entre o filho e pai:

Mas estes são, no entanto, filho e pai, com que a estrutura de enunciados, nos quais se põe predicado, respectivamente sobre um e outro, reproduz uma estrutura igualmente discordante em que a homogeneidade do sangue não pode esconder a real heterogeneidade dos seres, e é nada menos que a relação filho/pai (RAMA, 2001, p. 322).

Comala, lugar de ruínas, do romance Pedro páramo é cercado de um discurso coletivo e direto desencadeia uma narração cheias de lembranças subjetivas dos narradores, principalmente, quanto ao rumo espiritual das almas no purgatório. Surge uma teia de enunciações na narração de diálogos, sonhos, consciência, memórias, vindos de mortos e vivos, fantasmas.

Numa tentativa de ecoar um passado tão presente em Comala ou no “Sertão-mundo”, consomem o leitor ao seguir o percurso pedido pela mãe de Juan para conhecer suas raízes na chegada em Comala, como ela dizia para Juan “Lá, você me ouvirá melhor. Estarei mais perto de você. Você irá sentir mais de perto a voz de minhas lembranças que a da minha morte, se é que algum dia a morte teve alguma voz.” (RULFO, 2009, p. 31). A morte presente para marcar uma vida de ações passadas.

Quanto ao narrador não se sabe em certos momentos se é Juan ou algum morto perambulando na cidade, já que Dorotea menciona que todos estão mortos para ele em “-Deixe de ter medo. Ninguém mais pode botar medo em você. Faça por pensar em coisas agradáveis porque vamos estar muito tempo enterrados.” (RULFO, 2009, p. 96). O leitor tem um desafio de seguir as intromissões dos mortos ao contarem seus acontecimentos. Enquanto que em Grande sertão: veredas, o personagem Riobaldo, um jagunço-letrado apresenta a cultura do vencido e ao do subalterno, trata dos opostos, em seu diálogo com os jagunços do bando ao capturarem Zé Bebelo, e libertar o mesmo mediante um julgamento justo. Pois, Riobaldo defende um ponto de vista “transcultural” ao dar outra chance para um vencido Zé Bebelo, considerado pelo bando uma atitude louvável.

Porém, a “travessia” de Riobaldo não para por aí. Continua em seu caráter ambíguo. Que finaliza pelo seu confronto com a verdade diante da morte de sua amada Diadorim.

Guerreira até o último minuto na luta com Hermógenes, um grande vilão. Com isso, demonstra-se mais uma vez um julgamento em que os vencidos assumem um posto de vitoriosos, por justamente, não desistirem de seus propósitos ao serem perseverantes até o fim. Este fim pode ser com a morte ou com a vida. Mas o importante é saber que a “Travessia perigosa, mas é a da vida.” (ROSA, 1956, p. 530).

Portanto, com as contribuições de Rama quanto á transculturação na narrativa conclui-se que as duas obras apresentam características transculturais, pois nas entrelinhas das narrativas destacaram-se um processo modernizador e resgataram as culturas locais marginalizadas “vencidas” para um plano de glória. Por exemplo, as vozes dos narradores vencidos demonstram os processos de cruzamentos, para além da origem da história e cultura.

Como retrata o teórico Bhaba (1998) que utiliza as teorias pós- modernistas para ler as sociedades pós-coloniais e procura entender os discursos destes lugares. Com isso, trata-se de uma voz de um contra- discurso, consequência do processo imperialista que deixou resíduos das vozes dos “vencidos”² representados pelos personagens de Comala e do Sertão, como, por exemplo, Juan Preciado pela perda de seu Pai (Pedro páramo) e Mãe, além do “trabalho fronteiroço”, na cidade de Comala, como cita Bhabha (1998):

O trabalho fronteiroço da cultura exige um encontro com ‘o novo’ que não seja parte do continuum do passado e presente. Ele cria uma idéia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando- o como ‘entre-lugar’ contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O ‘passado-presente’ torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver (BHABHA, 1998, p. 27).

Dessa forma, o passado e presente, a inclusão e exclusão das minorias ou vencidos percorrem esse algo ‘novo’ para declarar uma travessia para o *além*, consequência de um hibridismo cultural. Como, verifica- se, na obra de Guimarães Rosa, e, mencionado pelo teórico Miranda (1996) “Como um desenraizado, o escritor e diplomata Guimarães Rosa viveu como alguém destinado a transitar permanentemente entre sertão e cidade, entre passado e presente, dando visibilidade a essa experiência pós-moderna da história e da cultura” (MIRANDA, 1996, p. 21). Então, os autores literários, Juan Rulfo e João

²Vozes: reprimidas sociais; dominados; margens.

Guimarães Rosa, foram de extrema aproximação as características da transculturação na narrativa, expressas através das operações de Rama, pois relacionaram o mundo de Comala (um deserto) como Jalisco, e, o Sertão com o próprio sertão mineiro e suas nuances de processos modernizadores, estruturados pela estrutura literária e língua e cosmovisão nas obras.

Bibliografia

- BHABHA, Homi. "Locais da Cultura". In: O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- COUTINHO, Eduardo F. "Literatura Comparada: reflexões sobre uma disciplina acadêmica". In: REVISTA BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, n.3. Rio de Janeiro, 2006.
- ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Caracas, Venezuela. Biblioteca Ayacucho, 1987.
- MIRANDA, Wander Melo: "Pós-modernidade e Tradição cultural". In: CARVALHAL, Tânia Franco (org.). *O discurso crítico da América Latina*. Rio Grande do Sul: Unisinos, 1996.
- RAMA, Ángel. *Literatura e cultura na América Latina*. São Paulo: Editora Edusp, 2001.
- RAMA, Ángel. *Literatura, Cultura e sociedade na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en la América Latina*. Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1982b.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956.
- RULFO, Juan. *Pedro Páramo & Chão em Chamas*. Rio de Janeiro : Record, 2009.
- REMAK, Henry H. H. "Literatura comparada: definição e função." In: COUTINHO, Eduardo F. e CARVALHAL, Tânia Franco (org.) *Literatura Comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- SEO, Yoon Bong. *Pedro Páramo de Juan Rulfo: um encontro de vocês*. Universidad de Guadalajara. Mexico, 2001.
- WELLEK, Réne. "O nome e a natureza da Literatura Comparada". In: COUTINHO, Eduardo F. e CARVALHAL, Tânia Franco (org.) *Literatura Comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.132.